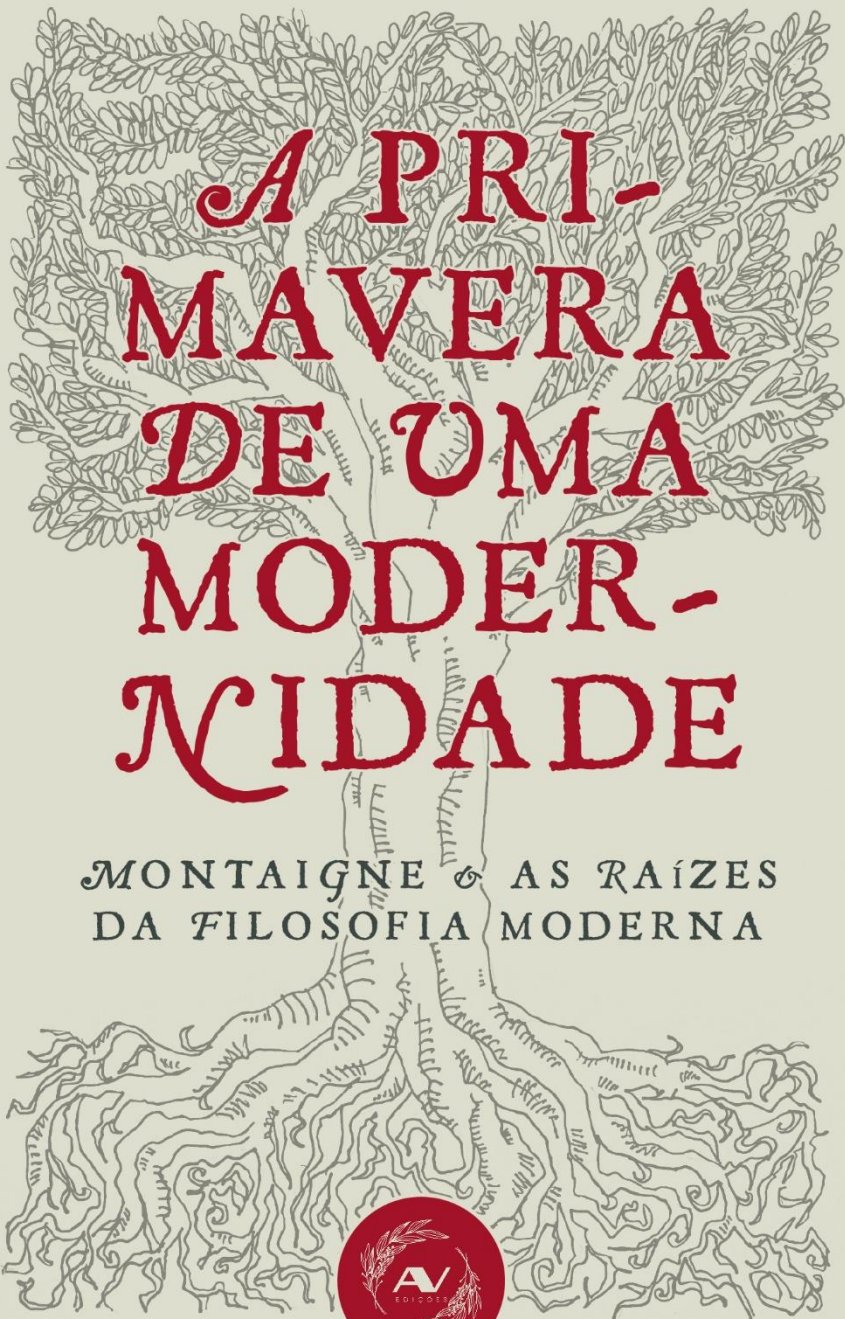


DIEGO DOS ANJOS AZIZI



A PRI- MAVERA DE UMA MODER- NIDADE

MONTAIGNE & AS RAÍZES
DA FILOSOFIA MODERNA



A PRIMAVERA DE UMA MODERNIDADE
MONTAIGNE E AS RAÍZES DA FILOSOFIA MODERNA

APOLODORO VIRTUAL EDIÇÕES

Direção editorial: Evandro O. Brito (UNICENTRO/Brasil)

SÉRIE “Estudos do Idealismo”

Editor da série: Lúcio Lourenço Prado (UNESP/Brasil)

Comitê Editorial

- Aline Medeiros Ramos (UQAM e UQTR/Canadá)
- Alexandre Lima (IFC/Brasil)
- Arthur Meucci (UFV/Brasil)
- Caroline Izidoro Marim (PUC-RS/Brasil)
- Celso Reni Braidia (UFSC/Brasil)
- Charles Feldhaus (UEL/Brasil)
- Cleber Duarte Coelho (UFSC/Brasil)
- Elizia Cristina Ferreira (UNILAB/Brasil)
- Ernesto Maria Giusti (UNICENTRO/Brasil)
- Evandro Oliveira de Brito (UNICENTRO/Brasil)
- Fernando Mauricio da Silva (FMP/Brasil)
- Flávio Miguel de Oliveira Zimmermann (UFFS/Brasil)
- Gilmar Evandro Szczepanik (UNICENTRO/Brasil)
- Gislene Vale dos Santos (UFBA/Brasil)
- Gilson Luís Voloski (UFFS/Brasil)
- Halina Macedo Leal (FSL-FURB/Brasil)
- Héctor Oscar Arrese Igor (CONICET/Argentina)
- Jason de Lima e Silva (UFSC/Brasil)
- Jean Rodrigues Siqueira (UNIFAI/Brasil)
- Joedson Marcos Silva (UFMA/Brasil)
- Joelma Marques de Carvalho (UniSALZBURG, Áustria)
- José Cláudio Morelli Matos (UDESC/Brasil)
- Leandro Marcelo Cisneros (UNIFEFE/Brasil)
- Lucio Lourenço Prado (UNESP/Brasil)
- Luís Felipe Bellintani Ribeiro (UFF/Brasil)
- Maicon Reus Engler (UFPR/Brasil)
- Marciano Adílio Spica (UNICENTRO/Brasil)
- Marília Mello Pisani (UFABC/Brasil)
- Paulo Roberto Monteiro de Araujo (Mackenzie/Brasil)
- Renato Duarte Fonseca (UFRGS/Brasil)
- Renzo Llorente (Saint Louis University/Espanha)
- Rogério Fabianne Saucedo Corrêa (UFPE/Brasil)
- Vanessa Furtado Fontana (UNIOESTE/Brasil)

DIEGO DOS ANJOS AZIZI

A PRIMAVERA DE UMA MODERNIDADE
MONTAIGNE E AS RAÍZES DA FILOSOFIA MODERNA

APOLODORO VIRTUAL EDIÇÕES
2025

APOLODORO VIRTUAL EDIÇÕES

Coordenadora Administrativa

Simone Gonçalves

Capa

Marco Naccarato

Revisão

Camila Bozzo Moreira

Concepção da obra

Programa de Pós-graduação em Filosofia da
Universidade Federal do Paraná (PPGFILOS - UFPR)

Concepção da Série

Grupo de Pesquisa “Estudos do Idealismo” (UNESP/CNPq)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com o ISBD

A995 Azizi, Diego dos Anjos

A primavera de uma modernidade: Montaigne e as raízes da filosofia moderna / Diego dos Anjos Azizi. Guarapuava: Apolodoro Virtual Edições, 2025.

345 p.

ISBN: 978-65-88619-99-5 (Físico)

ISBN: 978-65-88619-97-1 (Digital – PDF)

ISBN: 978-65-88619-98-8 (Digital – ePUB)

Inclui referências.

1. Filosofia moderna. 2. Subjetividade. 3. História da filosofia
I. Montaigne, Michel de. II. Título.

CDD: 194.92

Marcio Carvalho Fernandes – Bibliotecário – CRB 9/1815

Atribuição: Uso Não-Comercial

Vedada a Criação de Obras Derivadas

APOLODORO VIRTUAL EDIÇÕES

editora@apolodorovirtual.com.br

www.apolodorovirtual.com.br

Para Camila

AGRADECIMENTOS

Um texto nunca é fruto de uma existência solitária e, por mais que o ato de escrita o seja, aquilo que ela produz é fruto de uma vida que frequenta o mundo, que interage com outras pessoas, que depende daquilo que aprendemos, experimentamos, recebemos e constituímos a partir de nosso contato com os outros. As ideias contidas neste trabalho dependem de muitas pessoas e devem a elas, caso possua, todos os seus méritos. Para continuar o clichê tão amplamente disseminado, os deméritos do trabalho são absolutamente meus.

Primeiramente agradeço à minha família, meu pai (Walter) e minha mãe (Sônia), por me oferecerem tudo, absolutamente tudo o que eu poderia querer para ser não apenas um exemplar da espécie humana, mas um cidadão de meu país e um amante do mundo que não cessa de me surpreender. Devo a eles meus estudos, minha educação, minha sobrevivência, minha vida toda. A eles sou absolutamente grato. Agradeço também ao meu irmão (Thiago) e à minha irmã (Stephanny) pela força e companheirismo durante toda minha vida.

Agradeço também aos membros de minha banca de doutorado, leitores da primeira versão deste texto, que além de lerem e contribuírem com comentários ao meu trabalho, sempre serviram de exemplo para minha vida acadêmica. Às professoras Maria Constança Peres Pissarra e Sônia Campaner Miguel Ferrari, agradeço pela minha formação filosófica, desde a graduação em filosofia na PUC-SP, onde me apaixonei pela filosofia moderna e, em especial, por Michel de Montaigne. Ao professor Rodrigo Brandão, meu professor no doutorado pela UFPR, absolutamente inspirador, que me ensinou a olhar para o céu e contemplar as estrelas sem nunca deixar de olhar para o chão comum da vida humana.

Ao professor Thiago Rodrigues, amigo e interlocutor de longa data e leitor de meus textos, que sempre me auxilia quando mais preciso e que escreveu belas palavras sobre o presente livro.

Agradeço à professora Telma Birchall por todo o auxílio durante a pesquisa, pela disponibilidade em estar na minha banca de qualificação e pela inspiração sempre presente em meus estudos montaignianos. E, também, ao professor Sérgio Cardoso pelo impacto de seus textos em minha trajetória acadêmica e pela absoluta presença em minha formação, mesmo à distância.

Agradeço à Sofia Nicoletti pela amizade, pela interlocução e pela leitura de uma versão prévia de meu texto. Seus apontamentos foram de extrema valia.

Agradeço à Aline Ramos, querida amiga e professora da *Université du Québec*, que encontrou textos preciosos na biblioteca da universidade e com muita gentileza se deu ao trabalho de digitalizá-los para mim. Sem estes textos faltariam sólidos fundamentos para a minha pesquisa.

Agradeço à minha querida orientadora Maria Isabel Limongi, a Bel, a quem devo créditos a grande parte da organização de meu trabalho. Em todas as nossas conversas, encontros, em todas as revisões dos capítulos deste texto, retirei valiosas lições, aprendi mais sobre filosofia e apurei minha capacidade de escrita. Sem seu auxílio este texto não poderia ter sido escrito. Não poderia desejar melhor orientadora.

Agradeço à Alexandra Elbakyan. Sem seu trabalho heroico de disseminação do conhecimento, este texto não poderia ter sido escrito da forma que foi.

Agradeço à professora Ann Hartle pela inspiração e pelo auxílio. Sua carreira e sua obra filosófica impactaram imensamente a minha formação e a direção deste trabalho, além da abertura e generosidade que me mostrou ao enviar alguns de seus textos prontamente, textos esses que seriam inacessíveis

para mim no momento da escritura deste trabalho e não haveria como obtê-los aqui no Brasil.

Agradeço a meu querido amigo Evandro Brito por incentivar a publicação deste livro. Sem seus esforços e seu apoio esta publicação não veria tão cedo a luz do dia.

Agradeço ao parceiro Marco Naccarato por sempre estar disposto a ajudar os amigos. A linda arte da capa deste livro é trabalho dele, e é um privilégio poder tê-la em meu pequeno livro.

Agradeço ao professor Vinicius de Figueiredo, o querido Vinas (*in memorian*), que além das excelentes dicas oferecidas na fase inicial do projeto deste texto, me ensinou muito sobre filosofia moderna, além de nossas conversas sempre muito divertidas e enriquecedoras. Deixou uma falta eterna em meu coração.

Agradeço, por último, à Camila Moreira, companheira de uma vida, por todo o auxílio dado ao longo da redação deste texto. Agradeço por todas as discussões, leituras, revisões, por toda paciência e por toda a ausência suportada em meus momentos de reflexão. Ela fez com que este texto fosse produto do amor, porque é ela, porque sou eu.

*O autor escreve apenas metade de um livro. A outra
metade fica por conta do leitor. (Joseph Conrad)*

*A palavra é a metade de quem a pronuncia, metade de
quem escuta. (Montaigne)*

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	19
<i>Introdução</i>	23
 1 – Por um conceito de modernidade (ou: o moderno se diz de muitas formas)	31
1.1 – <i>Como pensar o moderno?</i>	31
1.2 – <i>Montaigne e a instituição do moderno</i>	49
 2 – O ensaio como fundador de uma modernidade	88
2.1 – <i>O ensaio como expressão de subjetividades</i>	88
2.2 – <i>Ensaaios céticos (ou Seria Montaigne um filósofo cético?)</i> ..	106
2.3 – <i>Os Ensaaios como exercícios do juízo</i>	143
 3 - Descobrimentos e invasões: rejeição à conquista do outro; elogio à conquista de si.....	161
3.1 – <i>Uma história do encobrimento do outro na América</i>	161
3.2 – <i>Uma crítica moderna à modernidade: canibalismo e descolonialidade em Dos Canibais</i>	171
3.3 – <i>Montaigne antropófago</i>	210
 4 - Aspectos da subjetividade: narrativa, relacional e situada.....	223
4.1 – <i>A subjetividade (que é, também) narrativa: o “eu” que se diz em primeira pessoa</i>	223
4.2 – <i>A subjetividade (que é, também) relacional: a exigência do Outro para a existência de um “eu”</i>	264
4.3 – <i>A subjetividade (que é, também) situada – Eu sou eu e minhas circunstâncias</i>	290
 Conclusão – As raízes da filosofia moderna	307
Referências.....	329
Biografia do autor.....	343

Prefácio

A chamada *modernidade* é um marco em referência ao qual nos situamos histórica e espacialmente. Marco da própria história, como história linear e aberta, a ser dotada de direção e sentido por nós, sujeitos, ao mesmo tempo seus produtos e produtores. Marco do ponto de virada em que o mundo assumiu a forma globalizada, conectada, interdependente, multicultural e multirreferencial que tem hoje. Marco do universo infinito e do advento da racionalidade científica.

Desde sua aurora, o valor da modernidade esteve em questão, uma vez que pôr-se em questão é um de seus traços. A modernidade é progresso, decadência ou simples diferença, em relação ao que, por referência a ela, denomina-se antigo ou selvagem? É um momento já superado ou presente? Um equívoco a ser corrigido ou um projeto a ser salvo? O que somos ou o que jamais fomos?

Seja lá como se avalie e se compreenda a modernidade, fato é que já não se pode pensar sem tê-la por referência. Daí a importância de se perguntar, como faz Diego dos Anjos Azizi neste livro: do que estamos falando, afinal? Daí a relevância de se voltar à modernidade, revisitar seu conceito e - usando uma expressão cara a este estudo - *formar juízo* a seu respeito.

A referência da empreitada são os *Ensaio*s de Michel de Montaigne, publicados em 1580 e 1588, obra moderna por excelência. O que então se apresenta é um comentário aos *Ensaio*s. Que não se pense, contudo, que o propósito seja o de macaquear e cultuar um autor europeu, escanteando o ponto de vista próprio em favor do alheio, como alardeia a crítica genérica que dá por ultrapassados os estudos de história da filosofia como este. Um dos muitos méritos deste trabalho é o de desarmar essa simplificação grosseira.

Ao interpretar Montaigne, está claro que Diego dos Anjos Azizi o toma como referência a partir da qual formar o

próprio juízo. Seu texto se escreve em primeira pessoa. Ele se apropria do texto de Montaigne, mesclando às suas observações aquelas do autor, assim como as de vários outros, como Arendt, Benjamin e Dussel, e as dos comentadores de Montaigne, incorporando-as à própria narrativa, por meio de citações cuidadosamente escolhidas. Na maior parte das vezes, não lhe interessa reconstruir os contextos determinados das citações, mas construir por meio delas um discurso em primeira pessoa. Com isso, emula o gesto que lhe interessa mostrar ser o de Montaigne – o de pensar e falar por si, mas por meio dos outros. De que outro modo poderíamos pensar por conta própria, se não há si mesmo que não atravessado pelos outros? Eis o que nos ensina Diego dos Anjos Azizi, em ato, por meio de Montaigne.

Vê-se assim que não se trata apenas de apresentar e comentar os *Ensaíos* – o que, contudo, Azizi faz de forma rigorosa e potente, ao mesmo tempo em que clara e saborosa. Antes, o que se pretende, por meio do comentário, numa atitude abertamente propositiva, é meter a colher em discussões contemporâneas. Uma delas é a discussão que de tempos em tempos vem assombrar o debate nacional: qual o nosso lugar de fala quando estudamos, fazemos e damos aula de filosofia? Como construir uma filosofia própria? Montaigne tem muito a dizer sobre isso, como mostra este estudo. Afinal, esta foi a questão que ele próprio se colocou. E pela primeira vez. Mais precisamente: foi ele quem a inventou.

Montaigne é apresentado como o fundador da filosofia moderna. Ele instituiu, com os *Ensaíos*, uma nova maneira de filosofar. Seu intuito, como ele mesmo diz, é o de fazer um retrato de si mesmo – um retrato vivo, em movimento, fugaz. Dessa maneira, expõe ao leitor o exercício do próprio juízo, sempre precário e hesitante. A novidade está precisamente aí – em trazer para o centro da cena o ato de julgar, gesto inaugural de uma nova relação com o saber e com a verdade. Toda tentativa de classificar o autor – seja como cético ou literato, não filósofo – deixa escapar a novidade e a singularidade desse gesto.

O caráter inaugural, inovador, instituinte dos *Ensaio*s constitui, assim, o centro nerval da análise. É isso o que faz dos *Ensaio*s uma obra exemplarmente moderna, e o que nos convida a pensar a modernidade através dela. Sobre a modernidade, Azizi não hesita em assumir o risco: “não me furtarei a construir uma definição”, diz ele. Revisitando diversos autores que tratam do moderno, de Hegel a Oswald de Andrade, ele vai aos poucos construindo a própria definição, na qual dois elementos ganham destaque. A modernidade é consciência da passagem do tempo e da mudança, consciência de que as coisas não são mais como antes. É um gesto de ruptura, um desejo do novo materializado numa forma de autoria propositiva ou, se preferirmos, na entrada em cena do sujeito do juízo.

Com essa definição, Azizi põe-se à sombra de Hegel, referência incontornável quando se fala de modernidade, e retoma o que, de certa forma, está bem consagrado acerca da filosofia moderna. Pode assim falar da Modernidade com M maiúsculo, e fazer figurar em seu panteão, ao lado de Montaigne, outros autores canônicos, como Descartes e Kant. Mas, este é apenas um ponto de partida. Todo seu esforço analítico caminha na direção contrária, de maneira a tensionar o conceito de modernidade. O que lhe interessa é *uma certa* modernidade, aquela que é sinalizada por Montaigne e que não se deixa enquadrar numa Modernidade genérica, segundo a versão dominante e manualesca, que canaliza os múltiplos gestos modernos, dentre os quais o de Montaigne, forçando-os a desaguar nas águas das filosofias de Kant ou de Hegel.

A modernidade se diz de muitas formas, repete Azizi, parafraseando Aristóteles.

É plural. Por isso mesmo, é importante revisita-la, para evitar seu fechamento num discurso oficial, servindo de caricatura e espantalho à crítica fácil. Na primavera do que se entende por Modernidade, Montaigne adianta muitas das críticas que hoje lhe são dirigidas: a crítica ao Sujeito universal e abstrato, ao dualismo, ao eurocentrismo, ao individualismo.... está tudo lá.

Tudo isso é profundamente e primeiramente moderno, antes de pós ou antimoderno.

Daí porque Azizi escolha dizer que Montaigne está na *raiz* da modernidade. A raiz é feita de uma trama complexa, de múltiplos raios, que podem se cruzar, somar, separar, contrapor. Há muitos caminhos abertos na modernidade, alguns deles foram preferencialmente percorridos, outros pouco, quase esquecidos, restando, porém, lá, onde estão enterrados, dando suporte ao todo. Eis porque se pode falar, ao mesmo tempo, *da e de uma* filosofia moderna, inaugurada por Montaigne.

Assim, para Azizi, como para Hegel e Husserl, a invenção do Sujeito, a consciência de si, é o que caracteriza a filosofia moderna. Mas, a questão é: de que sujeito se trata? O dos *Ensaaios* é um sujeito relacional, situado, singular, episódico, enraizado, social, corpóreo e narrativo. Após ter discutido o conceito de modernidade e mostrado em que medida os *Ensaaios* de Montaigne a inauguram, a segunda parte do livro é dedicada ao desenvolvimento e ilustração de cada uma dessas qualidades, cuidadosamente selecionadas, nomeadas e atribuídas por Azizi ao sujeito montagniano.

Fica evidente que nessa seleção seu olhar é guiado pelas discussões contemporâneas, pelas várias críticas dirigidas ao sujeito moderno às quais se faz alusão ao longo do percurso. Dentre essas, aquela que talvez tenha mais destaque é a crítica ao caráter eurocêntrico do Sujeito moderno. Azizi nos mostra que a crítica já se desenhava no ensaio *Dos canibais*. Segundo ele, Montaigne é a reação moderna aos excessos eurocêntricos da modernidade. A modernidade não é, portanto, necessariamente eurocêntrica, como tampouco universalista ou individualista. O que não quer dizer que não o seja. Eis uma contribuição notável para os debates atuais.

Curitiba, 05/03/2025
Maria Isabel Limongi
UFPR/CNPq

Introdução

Ao iniciarmos a leitura dos *Ensaio*s de Montaigne, nos deparamos com uma obra *sui generis*. É impossível não ficar embaraçado com os caminhos sinuosos que a obra toma, com a multiplicidade de temas, autores, histórias e problemas que o filósofo joga em cima de nós, como se o próprio pensamento fosse jogado, desorganizado, caótico. Ao longo da história da filosofia ocidental, Montaigne foi reconhecido como um grande filósofo, inspirando muitas filósofas e filósofos, além de movimentos inteiros de pensamento, de Marie de Gournay a Voltaire, de Descartes a Kant, de Rousseau a Pascal, de Foucault a Merleau-Ponty, de Comte-Sponville a Beauvoir, passando pelos chamados racionalistas, empiristas, libertinos e além. Após Hegel e sua influência definitiva na história da filosofia ocidental, Montaigne deixa paulatinamente de figurar no rol dos grandes filósofos para ser lembrado como um literato, alguém que interessa mais à cultura do senso comum do que à filosofia propriamente dita. Grande parte da filosofia contemporânea ignora a importância de Montaigne (apesar de haver cada vez mais estudos e mais interesse por sua filosofia), ainda pouco presente nos cursos universitários, nas obras de introdução e de história da filosofia. Quando lembrado, o que se enfatiza é a criação do gênero literário “ensaio” e sua aceitação e renovação da filosofia cética da antiguidade em plena modernidade. Montaigne como filósofo cético e Montaigne como literato é o que ainda se mantém em grande parte dos trabalhos e cursos que são produzidos no Brasil e no mundo.

Pretendo oferecer uma leitura que vá um pouco mais além e tentar responder às perguntas: “Qual é a importância de Montaigne para a filosofia moderna ocidental e qual é o papel que a subjetividade emergente dos *Ensaio*s tem na produção filosófica posterior?” Creio que há em Montaigne não apenas uma profunda e riquíssima filosofia, que ultrapassa o registro

do ceticismo tradicional, mas também uma das fundações da própria filosofia moderna. Ler Montaigne como um filósofo e fazer jus à revolução que empreendeu na Modernidade é o objetivo deste meu trabalho.

É evidente que os *Ensaaios* não parecem, de imediato, com o que se chamava tradicionalmente por filosofia. Montaigne não escreveu nenhum grande tratado, nem diálogos ou sumas nem se preocupou em entrar no debate filosófico a partir dos grandes problemas e conceitos metafísicos que a tradição aristotélico-tomista (filosofia hegemônica) construiu e desenvolveu. Como afirmou Hartle (2012), sua forma torna invisível sua filosofia. Montaigne precisou desenvolver um novo gênero literário para poder expressar as ideias novas que eram inexpressáveis por meio das tradicionais formas literárias disponíveis. Não é filósofo na antiga acepção do termo. Como ele mesmo diz, é um filósofo de “nova figura”, impremeditado, acidental e fortuito. Uma filosofia nova, em uma forma nova, precisa ser lida de outra maneira e, assim, tornar sua invisibilidade, visível. É preciso, portanto, aprender a ler de novo. É preciso aprender a ler, filosoficamente, um ensaio.

O novo projeto filosófico de Montaigne é radical e inaugura o ato filosófico moderno, expressão de uma intenção filosófica sem precedentes que parte do exercício do juízo e termina na experiência de si. Ao rejeitar os pressupostos da filosofia tradicional aristotélico-tomista, traz a filosofia do céu metafísico inalcançável para o mundo dos seres humanos, falíveis, finitos, impremeditados e fortuitos. A figura do filósofo não é mais a do pensamento contemplativo, em que ele se transforma em algo divino, a expressão excelente (a *areté* dos gregos) e essencial da humanidade. Montaigne fala a linguagem das tavernas, das ruas e dos mercados, fala sobre o particular, o ordinário, o falível e finito. Montaigne fala a partir de um ponto singular, crivo para a possibilidade de produzir discursos sobre as coisas e o mundo: esse ponto singular muda a história da filosofia.

Montaigne parte do “eu”, daquilo que chamamos contemporaneamente de subjetividade.

Ao falar do “eu”, Montaigne se coloca como ponto privilegiado de observação sobre as coisas do mundo, ponto esse que, circunscrito às suas próprias possibilidades, ajuíza sobre tudo o que pode, produzindo conhecimento não sobre as coisas externas, mas sobre esse “eu” que ajuíza a partir de sua experiência no mundo. Ao partir do ponto singular da subjetividade, e convidando-nos a conhecer nossos próprios “eus” segundo nossos próprios juízos, Montaigne aproxima os humanos entre si, ao mesmo tempo em que os distancia de qualquer pretensão divina. A filosofia se torna sociável fundando, assim, a própria noção de sociedade no mundo moderno.

Os *Ensaio*s fundam a própria expressão da sociabilidade, ao mesmo tempo em que fundam uma filosofia do sujeito. Não a partir da contemplação, filosofia deliberada tradicional, mas do caráter accidental e impremeditado de seus próprios juízos. Filosofia de nova figura: ninguém é filósofo senão accidentalmente. Portanto, neste trabalho, pretendo mostrar como Montaigne funda uma modernidade filosófica a partir dos *Ensaio*s e a noção de subjetividade que emerge dali.

O trabalho está organizado em quatro capítulos. O primeiro capítulo dediquei à clarificação e construção de um conceito de modernidade e a como, em Montaigne, o ato moderno de filosofar está fundado.

O segundo capítulo dedico à reflexão sobre o próprio gênero ensaístico e à forma pela qual Montaigne institui o moderno. Reflito sobre o ensaio como expressão de subjetividades e de como ele pode ser entendido não apenas como uma forma cética de abordar o mundo, mas fundamentalmente dialética. Ao fim do capítulo abordo o que penso ser um dos principais conceitos fundantes do moderno pensamento filosófico: o juízo.

No terceiro capítulo pretendo mostrar como a filosofia de Montaigne, filosofia da diferença, da alteridade, da sociabilidade funda, fora do mundo ibérico, as primeiras reflexões

descoloniais que descentralizam o pensamento europeu ocidental. Os *Ensaíos*, nesse sentido, estão na vanguarda dos estudos descoloniais ao estabelecer a necessidade de um “lugar de fala” do Outro para que este possa falar sobre si e, assim, se dar a conhecer aos demais, aparecendo, então, como sujeito de suas próprias experiências e não apenas como objeto do domínio, seja político, moral ou epistemológico.

No quarto capítulo, pretendo apresentar a necessidade desse “eu” descoberto se fazer mostrar e aparecer no mundo. Montaigne faz isso ao se narrar e, portanto, apresento o “eu” de Montaigne como um “eu” narrativo, que se mostra e se constitui ao se narrar. Narração, claro, sem a ideia de compleição, afinal de contas, Montaigne narra um “eu” em movimento que não supõe uma história já contada, causal, linear, completa. Montaigne não narra a sua vida (sua narração não é biográfica), mas o percurso de seus juízos e é neles que ele aparece como um “eu”. Essa subjetividade emergente nos *Ensaíos*, também, precisa estar inserida no mundo, em contato com o mundo e com outros “eus”. Ela não pode existir senão em relação ao mundo e às outras pessoas. Pretendo apresentar o conceito de amizade em Montaigne como aquele que garante a impossibilidade de esse “eu” cair em qualquer tipo de solipsismo, como alguns autores já indicaram. O objetivo dos *Ensaíos*, em última instância, seria transformar o leitor em amigo, engajado a se conhecer tanto quanto Montaigne se engajou. Também neste capítulo pretendo mostrar como a subjetividade em Montaigne não pode ser compreendida de forma tal como o foi na marcha posterior da filosofia. O “eu” não é possível de ser substantivado como uma forma pura, abstrata e universal, como a partir de Descartes começa a se desenhar e, mais solidamente, em Kant, a partir do qual convencionou-se a interpretar a subjetividade como uma forma pura lógico-transcendental. Não há um sujeito transcendental como condição formal de possibilidade seja do conhecimento científico, seja a ação moral, em Montaigne. Tentarei mostrar que esse “eu” de Montaigne só pode

ser adequadamente compreendido se for considerado em relação aos outros “eus” (relacional), em um dado lugar e tempo (situado) e que precisa ser expresso pela linguagem (narrativo), ou seja, este “eu” precisa se dizer, se mostrar, poder aparecer aos outros a partir de suas próprias circunstâncias.

Minha tese central, minha conclusão, a partir de todo esse processo argumentativo, é que Montaigne, ao mesmo tempo em que dá início à filosofia moderna, inserindo o conceito de juízo e a noção de subjetividade que inauguram uma modernidade, oferece também os instrumentos de crítica àquilo que certa tradição (Pós-moderna? Anti-moderna?) irá desenvolver contra a modernidade (compreendida de maneira restrita e unívoca). Fato é que o ponto de partida do “eu” na filosofia está em Montaigne, influencia Descartes e passa ao longo da história da filosofia ocidental até nossos dias. Dessa influência podemos derivar tanto a filosofia transcendental, o idealismo alemão, a filosofia analítica e a fenomenologia, quanto as filosofias que se distanciam desses modos de conduzir o pensamento, mostrando que o pensamento moderno não é unívoco, não se reduz às formas hegemônicas cristalizadas nos manuais e disseminadas por todos os cantos, a saber, uma modernidade que se reduz a um grupo de pensadores iluministas, porta-vozes de um tipo de universalismo, da totalidade, da identidade, cujas bases remetem ao idealismo transcendental de Kant, fundamento tanto das filosofias analíticas quanto das continentais, e que produziram uma reação (estruturalistas, pós-estruturalistas, desconstrucionistas, existencialistas e conservadores, cada um a seu modo) e uma rejeição da modernidade, vista como culpada pela totalização do pensamento. Ao mesmo tempo que Montaigne dá o pontapé inicial a uma tradição que ele rejeitaria peremptoriamente, oferece as armas para criticá-la, oferecendo uma noção de subjetividade que não pode ser reduzida a uma forma pura, a um universal formal e lógico. A morte do sujeito (transcendental) na contemporaneidade é a vida do sujeito singular, diverso e plural que emerge de Montaigne. A forma pela

qual Montaigne apresenta a vida do sujeito é muito próxima das tradições que se configuraram como opostas àquela primeira, de Nietzsche a Foucault, de Levi-Strauss a Merleau-Ponty, e observamos uma influência montaigniana (às vezes direta, às vezes implícita) que o posiciona como alternativa a um modelo de subjetividade (e de filosofia) que costuma ser considerada pós-moderna, mas que na verdade é dramaticamente moderna.

Por isso o título de meu trabalho: “A primavera de uma modernidade” (já que a modernidade se diz de muitas formas); aqui fazendo uma brincadeira com o livro de Huizinga, “O outono da Idade Média”. Seu subtítulo é: “Montaigne e as raízes¹ da filosofia moderna”, já que ele pode ser visto como uma das raízes que culminará no surgimento dos conceitos de subjetividade e juízo modernos, que influenciaram toda a filosofia posterior, ao mesmo tempo em que já oferece as armas para criticar qualquer caminho extremo e unívoco que reduza o pensamento moderno às suas feições puramente transcendentais.

Contudo, não apenas pretendo neste trabalho fazer uma exegese dos *Ensaio*s de Montaigne, mas usá-los para pensar em nossa própria condição contemporânea. A forma social da

¹ O subtítulo anterior deste texto era “Montaigne e as origens da filosofia moderna”. Substituí “origens” por “raízes” para não ser confundida com uma tentativa heideggeriana de busca pela pureza das origens. Uso raízes no sentido de identificar um dos inícios do pensamento moderno, um dos que julgo mais importantes, e a imagem das raízes (tal como Sérgio Buarque de Holanda em “Raízes do Brasil”) nos oferece a ideia de múltiplos inícios que se alastram por diversos lugares, sem que caiamos na ingenuidade de atribuir a um único homem e a uma única obra a origem de toda a filosofia moderna. Montaigne é um dos mais importantes e, talvez, tenha oferecido os pressupostos mais impactantes para o surgimento do pensamento moderno, mas não é o único e não opera sua tarefa sozinho, isento de interlocutores.

leitura impacta no conteúdo da obra lida e aqui leio Montaigne, também, com vistas a torná-lo significativo para pensarmos problemas de nossa própria época a partir de nossas próprias circunstâncias. Escrevi o texto de forma ensaística, propositalmente, para que eu pudesse dar conta dessas duas dimensões presentes no trabalho e para que fique evidente também o fato de que é uma pessoa de carne e osso, não apenas em posse de uma bagagem filosófica, mas também com uma história própria construída no mundo, que escreve e assina o texto, mobilizando a vida acadêmica e a vida mesma para que, do texto, emergja algo que faça sentido para quem o lê. Como escreve Koyré (1981, p. 9),

a filosofia se ocupa de coisas simples, do ser, do conhecimento, do humano. Por serem simples, são sempre atuais. Por isso as respostas dadas pelos grandes nomes do pensamento a esses problemas tão simples permanecem importantes, inclusive durante milhares de anos. A atualidade filosófica vem de tão longe como a própria filosofia.

A filosofia de Montaigne fala de coisas simples e, portanto, sempre atuais. Contudo, não estamos acostumados a pensar sobre as coisas simples e elas acabam escapando de nossas vidas, consideradas banais e sem importância. Quando as coisas simples nos escapam, a vida mesma escapa de nós. É por isso que faço um exercício de filosofia nesse texto, auxiliado por Montaigne, mostrando que sua atualidade vem de tão longe como a própria filosofia. No fundo, trata-se, a partir da história da filosofia, de investigar as questões de nosso tempo para que elas possam aparecer iluminadas com luzes diferentes e nos auxiliar a vê-las com maior profundidade. Este trabalho, originalmente pensado como uma tese de doutorado em filosofia e defendido em 2024 na Universidade Federal do Paraná, foi escrito durante um dos períodos mais tristes de nosso país, que foi

assolado por uma pandemia mortal que levou mais de 700.000 vidas com a anuência de um governo que abandonou sua população, que negligenciou a gravidade da situação, que negou evidências científicas, a racionalidade e a experiência que nos indicava os caminhos para a contenção da infecção e da mortalidade. Em conjunto com uma pandemia mortal, nosso ainda muito insuficiente estado de bem-estar social foi completamente desmontado, políticas públicas em todas as áreas foram destruídas, o aumento dos discursos de ódio e intolerância cresceram junto com a miséria e a desolação de uma população que foi jogada à sua própria sorte. A vida intelectual e o mundo científico e acadêmico foram radicalmente atacados e transformados em inimigos da sociedade, como ocorre em todo governo autoritário reacionário que conquista o poder.

Pensar sobre o que estamos fazendo, filosoficamente, com rigor e seriedade, nestes casos se torna um verdadeiro ato de resistência, difícil de realizar, doloroso, solitário e, muitas vezes, ingrato. Contudo, é necessário que o pensamento continue sendo exercido e que nossa capacidade de compreensão sobre aquilo que estamos fazendo não entre em extinção. Este texto é, também, filho de suas circunstâncias, e busca pensar possibilidades de reestabelecer a ligação social que foi quebrada entre nós e refletir, também, sobre possibilidades de pensarmos a vida comum em conjunto, de maneira que a tolerância e o bem comum possam ser preservados assim como nossa própria liberdade de ser quem somos e nossa individualidade para que ela não se dilua no meio de uma tagarelice amorfa que nos impede de pensar. Eis um texto de boa-fé, leitor, produzido com muita dificuldade, mas que, no final, não se envergonha daquilo que se tornou.

Clique aqui para adquirir a versão completa no

Clube dos Autores

<https://clubedeautores.com.br/livro/a-primavera-de-uma-modernidade>

A PRI- MAVERA DE UMA MODER- NIDADE

MONTAIGNE
☞ AS RAÍZES
DA FILOSOFIA
MODERNA

O ensaio é o gênero que melhor expressa o moderno, resta saber, entretanto, o que se entende por “moderno”. Diego Azizi – longe dos consensos fáceis que rodeiem a questão – demonstra que os Ensaaios de Michel de Montaigne “são a instauração do ato moderno que inaugura a filosofia em um novo momento do tempo”. O gesto principiado pelo sujeito moderno de Montaigne, então, seria a instauração da alteridade não apenas como o Outro de si, mas como diferença, isto é, como constatação da diversidade – tal como antevê o filósofo em seu ensaio intitulado “Dos canibais”. Hoje sabemos aquilo que Montaigne já sabia no século XVI: “cada qual considera bárbaro o costume que não se pratica na sua terra”. Como requer o gênero ensaístico, necessário ao pensamento do filósofo, Azizi se coloca por inteiro, e nu, em seu livro, nesse retrato de si que é sua interpretação – ao mesmo tempo rigorosa e original – do pensamento de Montaigne. O livro que o leitor tem em mãos é um livro de boa-fé, portanto, nele se encontrará uma pintura do filósofo e – numa mesma feita – do intérprete. O ensaio se expressa de muitas formas, em todas elas deve existir um “Eu” que julga. Azizi não se furta a exercer seu *jugement*.

Professor Dr. Thiago Rodrigues
UNIFAI

Apolodoro Virtual Edições



978-65-88619-97-1